ANEXO 5.1

TL 5614-2

LAFAEK TIMOR LIAN

A VOZ DO CROCODILO TIMOR

Nº 1 JANEIRO/FEVEREIRO 1997

BOLETIM da ACÇÃO DE FORMAÇÃO PARA A DEMOCRACIA EM TIMOR LESTE

ACÇÃO DE FORMAÇÃO PARA A DEMOCRACIA EM TIMOR LESTE

NOBEL da PAZ!

Dez de Dezembro de 1996 passa a ser uma data histórica para Timor Leste. No momento em que passavam 100 anos da morte de Alfred Nobel, o mesmo dia que, em 1948, as Nações Unidas unidas consagraram como Dia Internacional dos Direitos Humanos, dois timorenses, no desenvolvimento da luta de todo um povo durante mais de vinte anos, eram indicados como os galardoados com o prestigioso Prémio Nobel da Paz.

Em todo o mundo os timorenses assinalaram o facto com enorme regozijo: no interior do país ocupado, nas próprias cidades indonésias onde alguns residem, em Portugal, na Austrália, em muitos países da Ásia, nos EUA, no Canadá. Que situação tão diferente, ao fim de vinte anos de luta do Povo de Timor Leste, com a comunidade internacional mantendo um silêncio comprometido.

continua na pag. 8

ENTREVISTA COM BARBEDO DE MAGALHÃES

Esta iniciativa teve como impulsionador o prof. Barbedo Magalhães. Ele é, portanto, a pessoa ideal para responder às perguntas do Lafaek Timor Lian.

P. - O que o motivou para esta acção?

R. - Portugal, enquanto Potência Administrante do Território Não-Autónomo de Timor Leste tem obrigação de criar condições para a autodeterminação. Timor Leste é a única oportunidade que Portugal ainda tem de ajudar a preparar o nascimento de uma nação livre, democrática e respeitadora dos direitos humanos, culturais, sociais e políticos. E o povo de Timor Leste tem o direito de não ser abandonado outra vez, e de ser ajudado a preparar-se para resolver os conflitos, inevitáveis entre pessoas e grupos, de forma democrática, pacífica e respeitadora da vida, da dignidade e da liberdade de todos e de cada um. É uma dívida moral que Portugal tem para com o Povo de Timor Leste.

P. - O que se espera alcançar com esta iniciativa?

R. - Espero que ela sirva aos timorenses para se prepararem para a democracia, isto é, não apenas para a institucionalização, no seu país, de um regime democrático, mas também para a vivência democrática e a participação na construção de uma

continua na pag.7

Colaboraram neste número:
Alberto da Silva Belo
Amilcar Dias
Anacleto Bento Soares
António Loja Neves
António Ramos
Arlindo F. Araújo Fernandes
Conceição Rendeiro
João Filipe G. Tolentino
Manuel Pinto
Pedro Manuel G. Tolentino
Zito Soares
Centro de Documentação e Divulgação da Cultura de Timor

A participação de Timorenses do Interior do território é factor essencial do exito desta Acção: aqui fica o primeiro contributo.

VOZ do INTERIOR pag.2

O testemunho do nosso trabalho quinzenal em imagens e por depoimentos dos participantes.

AS JORNADAS pag.3/4

Saudação especial ao Lider da Resistência Timorense através de um poema e de uma pintura da autoria de Xanana Gusmão, garantindo a persistência da luta e da cultura de um Povo.

XANANA pag.5

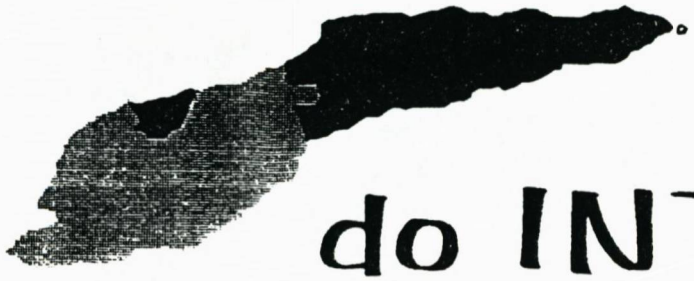
Uma página a lembrar alguns preceitos de saúde publica.

SAÚDE pag.6

Confirmando a justeza da luta do Povo Timorense durante 21 anos, o Nobel a Ximenes e Horta estende-se a toda a Nação.

NOBEL pag.8

PASSATEMPOS pag.7



VOZ do INTERIOR

A questão de Timor Leste voltou a ter destaque de primeira página nos orgãos de informação de todo o Mundo, após o Comité Nobel da Paz ter atribuido o prémio deste ano a dois filhos mauberes, Carlos Filipe Ximenes Belo e José Manuel Ramos Horta. Na Indonéria, como usualmente, o regime tentou por todas as formas bloquear as informações sobre a atribuição do Prémio Nobel. Mas a globalização da informação procedeu a um volteface: a Rádio BBC, a Netherland e a RDP 1 foram algumas das estações que quebraram o bloqueio de Jacarta. Não há mais hipóteses de o regime de Jacarta poder travar as informações, excepto através de propaganda negativa, a contra-propaganda veiculada pelas fontes de informação que controla directamente, indicando-lhes que desa-creditem os dois laureados, ou, em simultâneo, honrar o bispo D. Ximenes Belo e desacreditar Ramos Horta, estratégia que visa dividir os dois ou dividir a Igreja Católica e a Resistência. Porque sabem que a Igreja muitas vezes tem denunciado os crimes cometidos pelos militares indonésios, como igualmente o tem feito a Resistência. Mas o que interessa é que o regime não conseguiu abafar a questão de Timor Leste, pelo contrário. Os próprios camponeses indonésios começam a inter-rogar-se a propósito do que se passa e os intelectuais têm vindo a organizar colóquios para estudar o futuro da Indonésia e o de Timor Leste.

Outro indicador interessante é ver como os diplomatas estão frustrados por enfrentarem a cada vez maior pressão da comunidade internacional. Muitas vezes os diplomatas da moderna Majapahit vêm prestando declarações que apenas manifestam incapacidade de argumentação; o próprio Ali Alatas, ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, e alguns generais voltam-se agora com algum desespero para argumentos de retórica, nomeadamente sobre o passado de Portugal nas suas colónias africanas e em Timor Leste, como forma de iludir a situação presente. Procuram uma «ovelha negra» para justificar os próprios actos, mas esquecem-se que a comunidade internacional sabe das suas práticas actuais em Timor Leste. Mesmo que o passado e o presente coincidissem em actos e negligências, o tempo é diferente. Por isso, é irracional a Indonésia atacar os actos de Portugal no passado para embrulhar os seus próprios crimes no presente. O regime de Jacarta tudo tenta para enganar a população indonésia e a comunidade internacional. Mas o tempo já não joga a seu favor.

A população indonésia está mais sensibilizada, não apenas pelos esforços da sua própria Resistência patriótica e pela luta da Resistência em Timor Leste, mas ainda perante os actos agressivos das autoridades indonésias como foi o facto de tentarem impedir a I e II Conferência da APCET em Manila e na Malásia, o que contribuiu imenso para a sensibilização dos indonésios para o caso de Timor Leste.

Registamos algumas mudanças dentro da Indonésia, constituindo passos que quebram o silêncio do povo indonésio ao longo destes últimos vinte anos. Por exemplo, os «Exponentes de 66» — que influenciam 50% das decisões do regime de Jacarta — criticaram o cancelamento da II Conferência de APCET pelo governo de Mahatir Mohamad, e apelaram ao governo de Jacarta para procurar soluções para a questão de Timor Leste.

Recentemente, no passado dia 12 de Dezembro, o HMI (Associação de Estudantes Mulçumanos) realizou um colóquio em Bojonegoro (Java Leste) para debater o futuro da Indonésia e a questão de Timor Leste . Os polícias intervieram e impediram o colóquio. Simultaneamente, Amien Rais, chefe dos muçalmanos fundamentalistas da Indonésia (Muhamadyah) — que tem uma relação muito estreita com o regime de Soharto e Habibie —, que nos últimos anos criticou muito D. Ximenes Belo e sempre tentou banalizar a questão de Timor Leste como tratando-se apenas de questões étnicas e religiosas, fez declarações numa entrevista a um jornal australiano contraditórias com o que dizia ante-riormente. Rais afirma que **«Timor Leste deve ter direito à autonomia, se esse for o desejo da população do território (...) Mas se os timorenses querem ser um país livre, penso que é melhor dizer-lhes adeus. Deixá-los ser livres.»** Tais declarações contêm várias interpretações. A primeira confirma que Rais recuou das suas anteriores posições, que eram radicalmente contra a autonomia para Timor Leste. A segunda verifica que os indonésios estão conscientes de que estão à beira de uma derrota, porque a resistência popular aumenta e a opinião pública internacional vai encarando com outros olhos a Resistência no território timorense. Seguindo a hipótese de que Rais passou a concordar com a autonomia, fica no entanto claro que não entende ceder na independência para Timor Leste. Todavia, as declarações de Rais são mais do que conscientes e estão de acordo com as mudanças do tempo e da vontade. Também podem integrar-se na lista de outras declarações, como as de Ali Alatas e Nugroho, denunciando impotência e frustração. Mas não há razão para dúvidas: algo está a mudar, muito significativamente, no próprio interior da sociedade indonésia e no regime, embora os contornos precisos ainda não possam ser bem distinguidos. Claro que o Prémio Nobel da Paz constitui uma vitória para o Povo Timorense e para os que defendem a paz e a justiça ao lado da Resistência. Mas não podemos ficar satisfeitos só com isso, porque o prémio é apenas uma vitória tácita e não estratégica. Temos de redobrar a nossa força, intensificar as nossas acções em todas as frentes, para pressionar a Indonésia a respeitar o direito do Povo Maubere à autodeterminação para alcançar a vitória estratégica: a independência total e completa para Timor Leste.

Este texto chegou-nos do interior de Timor-Leste, a nosso pedido. Gostaríamos que fosse apenas o primeiro de outros enviados por Timorenses residentes no interior da Pátria, sobre as mais diversas questões, assinados ou anónimos, elaborados por cidadãos ou por grupos.

JORNADAS DE FORMAÇÃO E DEMOCRACIA

OS GRUPOS

CONFORME se explica na entrevista dada pelo prof. Barbedo Magalhães ao FTL, os participantes reunem-se quinzenalmente.

O pequeno almoço é em convívio, antes do plenário às 10h, repartindo-se depois até ao almoço em grupos de trabalho sobre **Democracia, Educação e Formação Quadros, Relações Internacionais, História e Cultura, Saúde.**

Após o almoço é tempo de actividades práticas: **Audiovisuais, Expressão Dramática, Dança, Cartoonismo, Interpretação, Jornalismo, Rádio.**

A jornada culmina no plenário das conclusões de trabalho e com a palestra do convidado.

Intenso? Enriquecedor!

NÓS ACHAMOS

LURDES BESSA (Porto)

Esta Acção de Formação tem uma importância enorme. Para que timorenses que nunca estiveram habituados a uma prática democrática a exercer os seus direitos em democracia. Para terem um contacto com dinâmicas de grupo, perderem inibições, saberem enfrentar auditórios e aí expressarem as suas opiniões. Para começarmos todos a despontar com cada vez mais firmeza, pois o futuro também deve estar nas nossas mãos, não apenas nas dos líderes, nas cabeças dirigentes.

ANTÓNIO RAMOS (Coimbra)

É excelente. Talvez tenha havido uma diminuição selectiva de participantes, mas se são menos, são bons. Mas temos de encontrar formas de solucionar esta questão, trazendo muitos mais timorenses a estes convívios de formação. Saímos daqui muito enriquecidos, mais aptos a enfrentar o dia-adia e os nossos assuntos específicos.

E também ajuda a preparar quadros para o futuro de Timor. Assim não acontecerá, na independência, como terá acontecido em 1975, em que os timorenses estavam menos preparados ideologicamente, eram politicamente imaturos e não souberam ultrapassar contratempos e divergências.

FILOMENA HENRIQUE (Lisboa)

É óptimo! Muito proveitoso. No grupo da Democracia as discussões estão a ser aliciantes, muito proveitosas, analisando-se diversas constituições e regimes, abordando as especificidades de Timor-Leste, construindo a hipotética caminhada para idealizarmos uma Constituição para o nosso país. É uma formação que vale a pena continuar.

ZUI LOPES (Porto)

É importante que os timorenses tenham estas oportunidades de aprender, de se confrontarem, de se questionarem e pensarem o seu país. Construímos uma análise aprofundada em torno do nosso país. Não tenho dúvida de que as coisas simples que aqui fazemos vão ter importância na nossa maneira de ver a sociedade timorense e de nela participarmos.

CONVIDADOS

Para as palestras-debate com que terminamos colectivamente cada sessão de trabalho têm sido convidadas várias personalidades de renome em diversas áreas de especialidade, que trouxeram elementos novos para as discussões nos grupos de trabalho, como provam as inúmeras questões colocadas aos palestrantes no final das suas exposições. Até agora estiveram connosco **Lurdes Bessa,** que falou da solidariedade dos povos com Timor-Leste, no seguimento de uma viagem de trabalho ao Norte da Europa; o **prof. Manuel Afonso,** constitucionalista da Univ. Católica do Porto; **o prof. [illegible]el Bessa,** economista e ex-ministro português da Economia; **Mónica Pereira,** jornalista da revista Visão, que narrou o que viu no território timorense; o **prof. Roberto Carneiro,** ex-ministro português da Educação e especialista desta matéria na ONU; **Diana Andringa,** jornalista da RTP, presidente do Sindicato de Jornalistas; e o **padre João Caniço** que nos informou sobre a dinâmica da Igreja Católica em Timor e em defesa do seu Povo.

FOTO-REPORTAGEM

Acção de Formação para a Democracia em Timor Leste

Um dos trabalhos elaborados pelo Grupo de Cartoon.

Continuação da entrevista a Barbedo de Magalhães

temas que lhes interessam num clima de grande abertura e de respeito pelas opiniões e pela dignidade dos outros. Neste clima democrático, todos são livres de expor as suas ideias, todos aprendem uns com os outros, e todos podem aprender a conhecer-se melhor e a agir melhor para benefício da sociedade.

P. - Como vai ser o encerramento?

R. - Gostaria que se terminasse com uma grande sessão pública em que os vários grupos de estudo e de debate apresentassem sínteses das discussões e propostas surgidas. Gostaria que os vários grupos de actividades apresentassem produtos do seu trabalho, através de uma revista de imprensa, de um noticiário radiofónico, de um pequeno programa de televisão e de um espectáculo. Tudo isto dará força aos que lutam e sofrem em tão duras condições, e também dá força à solidariedade portuguesa e internacional. Os organizadores estão a estudar a hipótese de realizar uma videoconferência que permita a timorenses residentes em Portugal, em Sidney, em Melbourne, em Perth ou em Darwin, em Maputo, nos EUA e na Bélgica verem-se através de ecrãs de televisão e conversarem uns com os outros sobre os temas tratados na Acção de Formação.

Se fosse possível, gostaríamos que os timorenses residentes em Timor Leste e na Indonésia também participassem nessa grande videoconferência. Mas, se isso for impossibilitado pelo Governo indonésio, tentaremos obter a gravação sonora de opiniões de timorenses residentes em Timor ou na Indonésia, através de telefonemas para a RDP Internacional, que esta registará e pagará, se tal lhe for solicitado pelo nº de telefone 351-1-3426053 (das 12h às 13 h, hora de Portugal) ou 351-1-3475065, extensão 241 (das 8h às 14h, hora de Portugal: das 16h às 22h em Timor Leste). Pedir para falar com Samuel Ornelas, Domingos Seixas, Rosário Cruz e José Filipe).

Consideramos muito importante tornar bem claro que a Reconstrução Nacional de Timor Leste, quando as forças ocupantes sairem do território, é obra de todos os timorenses, quer residam, agora, em Timor Leste ou em Portugal, no Reino Unido ou em Moçambique...

P. - Qual é o orçamento disponível e quem financia?

R. - Uma iniciativa deste género fica cara. Só em refeições dos participantes, prevê-se gastar mais de dois mil contos. Depois, há o pessoal da Faculdade de Psicologia, que faz horas extraordinárias para as instalações estarem abertas, com equipamento sonoro e cabinas de interpretação a funcionar, etc. E se se fizer a sessão pública, o espectáculo final e a videoconferência, tudo isto custa bastante dinheiro.

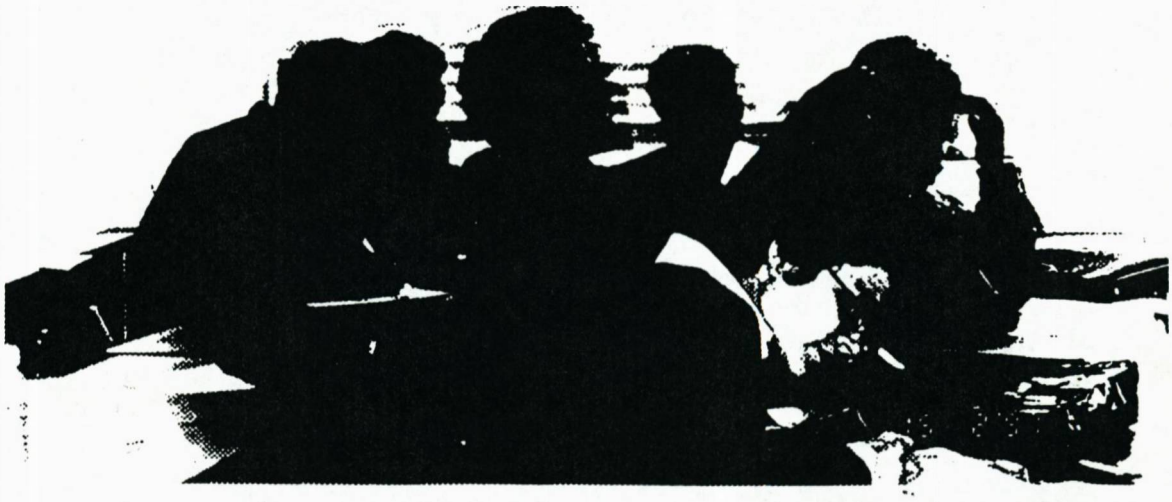
Sei que muita gente não aceita bem que se gaste dinheiro nesta e noutras iniciativas que a comissão organizadora das Jornadas de Timor da Universidade do Porto já levou a cabo. Mas quando vemos o resultado catastrófico de 13 anos de guerra colonial em Angola, Moçambique e Guiné, de 1961 a 1974, em que se chegou a consumir 40% do Orçamento Geral do Estado e não se investiu na preparação dos povos das então chamadas «Províncias Ultramarinas» para a auto-determinação e a democracia, somos obrigados a concluir que fica caro em guerras civis, em mortos, em sofrimento e em destruição de todo o tipo, não gastar dinheiro em iniciativas pacíficas de preparação para a autodeterminação e para a democracia.

Para já, não sabemos ainda quanto vamos gastar, porque também ainda não recebemos qualquer apoio financeiro. Já temos decisões de patrocínio do Banco de Fomento Exterior, da Caixa Geral de Depósitos e da Portugal Telecom. Estamos à espera de ter também o apoio do Estado, canalizado através da Fundação das Universidades Portuguesas, que se está a começar a envolver nas iniciativas por Timor.

Temos sido muito incómodos a pedir constantemente dinheiro às universidades, ao Estado, às empresas e aos participantes, para que acções como esta e as Jornadas de Timor da Universidade do Porto se possam concretizar. Tem sido das tarefas mais duras, desagradáveis e mal aceites. Esperamos que a atribuição do Prémio Nobel da Paz a Ximenes Belo e a Ramos Horta levem o Estado e a sociedade portuguesa a encarar de outra forma a permanente necessidade de apoiar estas acções, e sobretudo a apoiar os timorenses que, em Timor Leste e na Indonésia, passam todo o tipo de privações e sofrem horrores a tentar aquilo que a Comunidade Internacional e Portugal tinham a estrita obrigação de fazer, que era repor a legalidade internacional violada pela ocupação indonésia e criar condições para um acto de autodeterminação livre e democrático.

Esses, os órfãos e as viúvas de Timor Leste, os presos e as suas famílias, os que lutam nas montanhas e na clandestinidade, os que criam obras de apoio social e cooperativas, a Igreja Timorense e os que em Timor Leste mantêm viva a esperança, são os que mais precisam. Mas, apesar de os pormos em primeiro lugar, em muitas cartas sem resposta que já escrevemos a pedir apoios,, não só eles mas também estas acções de formação precisam de dinheiro para se tornarem possíveis.

entrevista de ANACLETO BENTO SOARES



TIMOR CULTURAL

XANANA

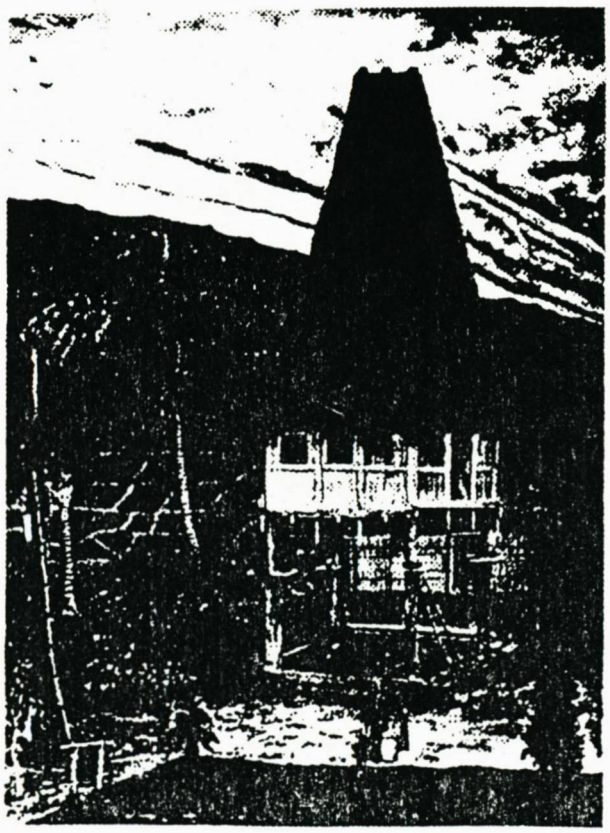
UMA PINTURA e UM POEMA

A cultura de um povo é um dos seus mais importantes esteios. Costuma dizer-se, com verdade científica, que um povo «existe» quando tem um território que lhe pertence, uma língua para comunicar entre si e uma cultura autónoma que lhe possibilita expressar o que lhe vai na alma.

Daqui se vê a importância da cultura, seja ela popular ou erudita, seja criada na simplicidade de uma aldeia de camponeses ou nos bancos de uma universidade. É do somatório de todas essas expressões culturais, da ligação de todas essas formas de criatividade que se fortalece, cresce e sedimenta a cultura de um povo.

Esta página, a primeira sobre cultura no nosso jornal, tem a sorte de poder servir para gritar o nome de Xanana Gusmão e falar de cultura ao mesmo tempo. É importante que um povo tenha um líder que se interessa pelas coisas da cultura, que demonstra a sua sensibilidade também através da criação, mesmo quando preso e isolado da vivência quotidiana com o seu povo.

É este o exemplo que desejamos com esta homenagem. Eis um homem que manifesta sem subterfúgios o que lhe vai na alma através da criação artística. São obras-primas? Longe disso, estamos todos conscientes de tal. Mais importante que isso é serem obras de dimensão pedagógica. Xanana sugere-nos que nos inspiremos, que não tenhamos reservas em apresentar as nossas criações, que nos preocupemos em não ocultar os nossos sentimentos e capacidades. Aqui ficam um poema e um quadro, ambos compostos na prisão de Cipinang, o «buraco», como ele próprio lhe chama. Duas peças redentoras, cheias de liberdade, demonstrando o quanto é capaz um simples gesto de criação.



Oh! Liberdade!

Se eu pudesse
pelas frias manhãs
acordar tiritando
fustigado pela ventania
que me abre a cortina do céu
e ver, do cimo dos meus montes,
o quadro roxo
de um perturbado nascer do sol
a leste de Timor

Se eu pudesse
pelos tórridos sóis
cavalgar embevecido
de encontro a mim mesmo
nas serenas planícies de capim
e sentir o cheiro de animais
bebendo das nascentes
que murmurariam no ar
lendas de Timor

Se eu pudesse
pelas tardes de calma
sentir o cansaço
da natureza sensual
espreguiçando-se no seu suor
e ouvir contar as canseiras
sob os risos
das crianças nuas e descalças
de todo o Timor

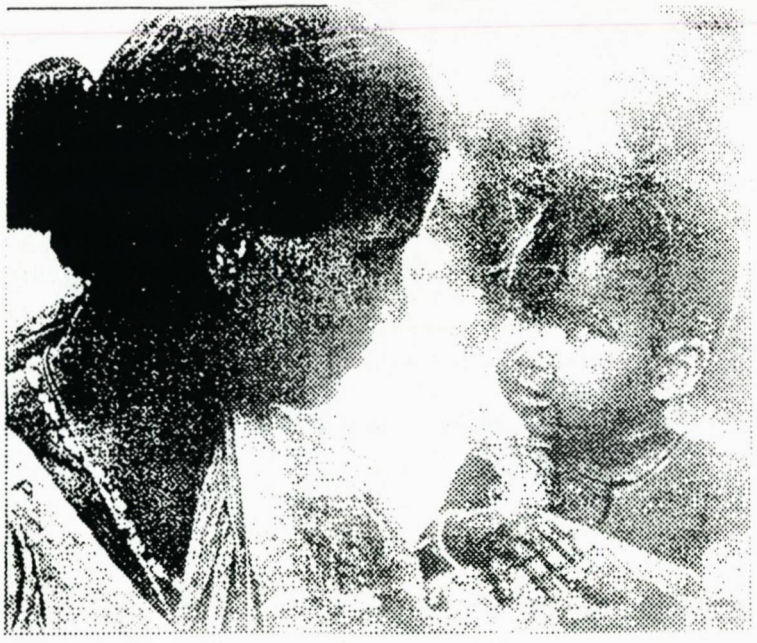
Se eu pudesse ao entardecer das ondas
caminhar pela areia
entregue a mim mesmo
no enlevo molhado da brisa
e tocar a imensidão do mar
num sopro da alma
que permita meditar o futuro
da ilha de Timor

Se eu pudesse
ao cantar dos grilos
falar para a lua
pelas janelas da noite
e contar-lhe romances do povo
a união inviolável dos corpos
para criar filhos
e ensinar-lhes a crescer e a amar
a Pátria Timor!

XANANA GUSMÃO
Cipinang, 8 de Outubro de 1995

UMA PAGINA DE SAÚDE

Página da responsabilidade do **Grupo de Saúde**, orientada por **Conceição Rendeiro** e **Élio Soares**.



Por muito que uma mãe ame os seus filhos, é-lhe impossível prestar-lhes cuidados de grande qualidade se for uma mulher pobre e oprimida, analfabeta e mal informada, anémica e doente, se tiver cinco ou seis filhos, se viver numa barraca ou num bairro pobre, se não tiver água potável nem condições sanitárias, e se não puder contar com o apoio dos serviços de saúde, da sociedade ou do pai dos seus filhos. Trata-se, pois, não só da questão dos cuidados dispensados pelas mães como dos cuidados dispensados às mães.

Propomo-nos comunicar aqui o produto de reflexões sobre saúde, considerando os seus envolvimentos ambientais, socioeconómicos, culturais e religiosos. Estas reflexões poderão vir a ser úteis à resolução de problemas individuais ou colectivos numa conjuntura de solidariedade com Timor.

A saúde tem condicionantes ambientais e é certo que no Polo Norte não existe malária, doença que só acontece nos trópicos, onde estão reunidas as condições favoráveis ao crescimento dos seus vectores, os mosquitos.

A malnutrição, por sua vez, acontece em contextos sociais e económicos próprios e vai favorecer a eclosão de doenças infecciosas e parasitárias que benificiam das condições adversas dos indivíduos malnutridos. Por outro lado, as doenças agravam a malnutrição.

Já a promiscuidade com aninais junto de habitações e a falta de saneamento básico são condicionantes da maioria das diarreias cuja complicação mais frequente, a desidratação, é responsável por muitas mortes.

Os hábitos culturais, nomeadamente o hábito de tomar bebidas alcoólicas, favorecem a ocorrência de alcoolismo. Esta situação não é comum nos locais onde a Lei do Corão impera, já que proíbe este tipo de bebidas. Por outro lado, esta cultura está muitas vezes associada a comportamentos pouco saudáveis da sociedade relativamente às mulheres, com uma limitação das suas liberdades.

Em alguns locais do Globo a mulher sofre uma mutilação sexual que pode complicar-se de hemorragia e/ou infecção, podendo levar à morte ou, mais tarde, a problemas no parto devidos à lesão provocada pela mutilação..

O modo como o ser humano é respeidado no seu direito à vida, à educação, ao trabalho, à livre expressão da sua opinião, constitui uma fonte de satisfação pessoal muito saudável.

O bem estar de uma população avalia-se pela saúde das suas crianças. O índice de mortalidade infantil é utilizado, juntamente com o produto nacional bruto e o rendimento per capita, para a caracterização quanto ao seu desenvolvimento.

A saúde das crianças está dependente da saúde das mães, já que estas as alimentam no útero, continuam a alimentá-las e a educá-las mais tarde. O bem estar de ambas está condicionado pelas capacidades económicas e outros factores da sua família.

Mais do que os técnicos de saúde, a família é produtora ou não do bem estar dos seus elementos, pois pode aplicar conhecimentos e desenvolver as respostas mais imediatas à resolução dos problemas que surgem. A sua capacidade de procura de ajuda é fundamental! No entanto, não basta o empenho e responsabilização das famílias, a organização dos governos promovendo as medidas adequadas é obrigatória!

Não é admissível que se morra por doenças evitáveis. Têm de ser colocadas à disposição das populações os meios adequados. A destribuição de água potável e a aplicação de vacinas foram dos maiores avanços para a prevenção da maioria das doenças infecciosas e parasitárias. A imunização salvou a vida a mais de 3 milhões de crianças mas salvar-se-iam mais 2 milhões se as vacinas chegassem a todas as crianças.

O acompanhamento da gravidez e do parto por técnicos de saúde tem sido um grande combate à mortalidade de mães e filhos por motivo de parto.

Vamos pois reflectir sobre estas questões e outras com elas relacionadas. Existe um grupo em formação disposto a pensar nelas: poderão fazê-lo crescer e desenvolver-se através do vosso contributo.

Daremos notícia do nosso projecto aberto nas páginas do nosso jornal.

Participa! Colabora!

PASSATEMPOS

SABIA QUE...

A Ilha de Timor já conhecia uma divisão em duas grandes partes, dirigidas por dois poderosos reinos, antes de chegarem os europeus e do início dos processos de colonização? Eram os reinos de **Servião**, a Oeste, e o de **Belu**, a Leste, a quem os inúmeros pequenos reinos prestavam vassalagem ou estavam ligados por alianças. Se tal não explica a actualidade, não deixa de ser interessante ter isso em linha de conta na análise da evolução das presenças holandesa e portuguesa durante o período colonial e, posteriormente, na ligação ou na autonomia face à Indonésia. (Algum leitor quererá escrever-nos sobre isto?)

CONCURSO

O nosso Concurso é simples. Basta **responder** às perguntas, **entregar** a alguém da Coordenadora da Acção de Formação ou enviar para:
LAFAEK TIMOR LIAN- Pr. Gil Vicente 3, 2º Dtº - 2795 Carnaxide, Portugal.
Sortearemos, entre os que tenham acertado, quatro exemplares do livro **A Ilha Verde e Vermelha de Timor**, escrito por Alberto Osório de Castro, cedidos pela **EDITORA COTOVIA.**

1 - Timor-Leste faz parte de que arquipélago?
a) Maldivas; **b)** Nusa Tenggara **b)** Sonda

2 - Que mares banham Timor-Leste?
a) Mar de Bering **b)** Mar de Timor **c)** Mar dos Sargaços

3 - Há quantos anos a Indonésia ocupa ilegalmente Timor?
a) 20 **b)** 21 **c)** 25

Continuação da entrevista a Barbedo de Magalhães

"ESPERO QUE A ACÇÃO DE FORMAÇÃO SIRVA AOS TIMORENSES PARA SE PREPARAREM PARA A VIVÊNCIA DEMOCRÁTICA E A PARTICIPAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE PLURALISTA"

sociedade pluralista onde sejam respeitados os direitos humanos, culturais, sociais e políticos dos cidadãos. Espero que dos debates em grupos e nas reuniões gerais, bem como das opiniões enviadas por timorenses residentes em Timor Leste, na Indonésia, na Austrália, em Moçambique, em Portugal ou em qualquer parte do mundo, resultem ideias para a resolução dos problemas que a autodeterminação de Timor Leste inevitavelmente trará ao de cima.

P. - E que tipo de problemas são esses?

R. - Estou a pensar, por exemplo, no problema dos transmigrados e dos outros imigrantes indonésios. Que atitude tomar e que fazer com eles quando Timor se tornar independente? Estou a pensar na necessidade de uma ampla reconciliação nacional entre todos os timorenses, incluindo aqueles que as circunstâncias obrigaram a colaborar, de uma forma ou de outra, com as forças ocupantes. Estou a pensar na necessidade de reconstruir economicamente um território onde os timorenses têm sido tratados como cidadãos de segunda, ou pior que isso, e onde a vida económica deve passar a ser o resultado do trabalho e da iniciativa dos timorenses. Estou a pensar na necessidade de começar, desde já, a estudar as formas de negociar o petróleo do mar de Timor, por forma a garantir a independência do futuro Estado de Timor Leste face às grandes empresas multinacionais.

Estou a pensar na reconstituição do tecido social, destruído por um genocídio físico e cultural de proporções horríveis, que desmembrou famílias e arrasou povoações, que instalou o medo e a suspeita entre pessoas, que traumatizou tantas crianças, tantas mulheres e tantos homens.

Estou a pensar não só no futuro, mas também no presente, no aumento de credibilidade da mas também no presente, no aumento de credibilidade da Resistência e da sociedade timorense, e do reforço da sua visibilidade e do seu peso negocial, quando os planos dos órgãos de direcção da Luta tiverem, a complementá-los e a dar-lhes força, as opiniões devidamente fundamentadas de timorenses que estudam os problemas e, por isso, sabem sugerir e discutir soluções. Estou a pensar não só no dia da Independência, mas também nos dias, nos meses e, talvez, nos anos que ainda faltarão para lá chegar, e em que a intervenção política dos timorenses é crucial para apressar o dia da libertação.

P. - Quais são os instrumentos para isso?

R. - Essa intervenção política passa pelo domínio das técnicas de jornalismo e da rádio, e pela capacidade de os timorenses se apresentarem perante as câmaras de televisão, de modo a serem vistos, ouvidos, compreendidos e apreciados por quem os vir e ouvir. Ela passa pelo domínio de instrumentos de intervenção política tão poderosos como o «cartoon», o cartaz, o teatro de rua, etc., que alguns timorenses estão a começar a aprender ou a treinar e desenvolver. Por isso é que, além dos grupos de debate, a Acção de Formação inclui «ateliers» de Expressão Dramática, Expressão Audiovisual, Rádio, Jornalismo, Cartoon, Interpretação e Dança Timorense. A interpretação, importante para a comunicação entre as pessoas que falam línguas diferentes, poderá servir para fazer programas de rádio em português, em tetum e em bahasa indonésio, a divulgar pela RDP Internacional para Timor e para todo o mundo desde que os «noticiários» que o grupo de Rádio venha a produzir tenham suficiente qualidade.

continua na pag.8

BOM ANO NOVO PARA SI E EXCELENTES NOTÍCIAS SOBRE TIMOR EM 1997

PRÉMIO NOBEL A TIMOR LESTE: a PAZ! E A DEMOCRACIA!

continuação

Mas no dia 10 de Dezembro de 96, quando o ponteiro marcava as 13 horas norueguesas (meio dia em Lisboa), todos os convidados estavam prontos para assistir à cerimónia da entrega do Prémio Nobel da Paz aos dois laureados, D. Ximenes Belo e Ramos Horta. Timor Tornou-se no ponto mais mediático do Mundo, com toda a comunicação social a abrir as suas notícias com destaques em torno desse acontecimento. A própria CNN, a internacionalmente influente cadeia de televisão americana, dedicou um programa de uma hora a Timor intitulado «CNN For East Timor».

A cerimónia iniciou-se com música clássica norueguesa e com músicas tradicionais da ilha do crocodilo, com títulos como Kolele Mai, essa canção magnífica em memória dos que deram as suas vidas em defesa da liberdade do povo de Timor Leste, sem esquecer o belo momento em que o grupo Tatamailau interpretou o cântico intitulado Ita Timor Oan (Somos Timorenses).

Foi o presidente do Comité Nobel da Paz que iniciou a cerimónia, com um discurso forte de crítica ao regime de Suharto. Denunciou publicamente, com o peso do prestigio e da independência que representava, que mais de um terço da população do território tinha sido dizimada às mãos do invasor indonésio, que continuam a existir diárias violações aos direitos humanos. Certamente que tais declarações assumiram um valor especial de informação privilegiada para a opinião pública mundial. Conforme Fraqncis Sejarsted reconhecia, Timoe é tão pequeno, mas essa ciscunstância não impedia o presidente do Comité Nobel de denunciar que este é um dos casos mais evidentes em que o cinismo do mundo da política internacional mais tem sido posto a nu.

No seu discurso de agradecimento, D. Ximenes Belo apresentou-se como simples voz dos que não têm voz em Timor Leste e adiantou que, como ser humano, não podia ficar indiferente perante as injustiças e as atitudes inumanas. Belo referiu ainda que este é mais que o momento para se poderem silenciar as armas em Timor Leste e para o regresso da tranquilidade. Foi perante este pano de fundo que D. Ximenes Belo considerou a urgência da libertação de todos os presos políticos em poder da Indonésia. Ramos Horta aproveitou a cerimónia para lembrar que há um plano de paz do CNRM, formalmente apresentado pelo representante da Resistência Timorense ao Parlamento Europeu em 1992. O plano abre o caminho para um processo faseado que passaria por um período de cinco a dez anos de autonomia, antes de consagrar a autodeterminação. Ramos Horta referiu também o papel de Xanana Gusmão e outros combatentes, os presos políticos, o sacrifício da população timorense em geral, e a memória doa mais de 200 mil timorenses mortos durante a ocupação indonésia.

Neste dia memorável, Timor Leste esteve nas atenções do Mundo. A comunidade internacional não tem mais com que iludir o seu desconhecimento do drama de Timor. O povo de Timor está menos só na sua dura luta. É de acreditar que este Prémio Nobel vai facilitar alguns desenvolvimentos nas frentes politica e diplomática. O processo poderá ser mais rápido ou mais vagaroso, mas tudo leva a crer que é irreversível. Como afirmou o primeiro ministro português, António Guterres, tratou-se de uma sessão de incalculável valor político. E Jorge Sampaio, o presidente da República Portuguesa, como primeiro magistrado da nação que é considerada pelas Nsações Unidas como potência administrante do território de Timor Leste, não deixou de realçar que **«os portugueses apenas fazem uma exigência — que se dê aos timorenses a oportunidade de dizerem à comunidade internacional, pública e livremente, de modo democrático, o que desejam para Timor Leste.»**

Texto de António Ramos, Coimbra

Continuação da entrevista a Barbedo de Magalhães

Também alimentamos o desejo e a esperança de que o grupo de Expressão Audiovisual seja capaz de preparar um programa para a RTP Internacional transmitir e poder ser visto e comentado em Dili, em Baucau e noutras terras de Timor Leste, em Jacarta, Yogakarta, Bandung, Semarang, Dampasar e tantas outras cidades indonésias, bem como na Austrália e noutros países. E tudo isso para divulgar as ideias que os timorenses têm para o seu futuro, para alimentar e dar força à esperança e dizer ao Mundo que, quando sair a Indonésia de Timor, ninguém precisa de ter medo de que se caia de novo na guerra civil. Sim, porque agora, ao contrário do que acontecia em 1975, há muitos timorenses com consciência política e conhecimento das realidades locais e do contexto internacional em que Timor Leste se insere.

P. - De que forma os timorenses com quem tem vindo a lidar o influenciaram a realizar esta iniciativa?

R. - Quem de facto me levou à sua organização — com o apoio do MCP/YAP e da Associação Paz e Justiça para Timor Leste — foram os timorenses que, no ano lectivo passado (1995-96), participaram activa e interessadamente nos «Debates a Pensar no Futuro de Timor Leste». Com sessões mensais ao longo de seis meses, em reuniões informais aos sábados à tarde, foram sendo discutidos assuntos relacionados com o futuro de Timor, tais como o modelo de Constituição a adoptar, tendo em conta a cultura e o direito tradicional timorenses. Foi o interesse dos participantes nesses debates e as conversas ou os contactos por escrito com alguns dirigentes das principais forças políticas e de organizações estudantis timorenses que nos levou a tomar a decisão de organizar esta acção. Trata-se não de um curso, com professores e alunos, mas sim de uma autoformação em que os participantes podem discutir os

continua no suplemento